

Psicologia escolar e psicologia social: articulações que encontram o sujeito histórico no contexto escolar

Cecília Pescatore Alves

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Introdução

Uma das grandes preocupações da psicologia escolar em geral reside nas possíveis articulações entre seus diversos campos teóricos. Por ser uma disciplina que comporta vários campos de atuação, sendo os mais conhecidos o psicopedagógico, o clínico, o institucional, o preventivo e o promotor de saúde mental, transita por um vasto arcabouço teórico, por vezes complementar, lacunar ou mesmo contraditório, confrontado-se com os vários modelos teóricos psicológicos disponíveis.

Comparada com outros campos, como as Ciências Exatas e Biológicas, a Psicologia Escolar seria uma disciplina das Ciências Humanas que, dentre outros aspectos, evidencia diferenças internas que podem ser atribuídas a pelo menos dois elementos: as diferentes posturas filosóficas assumidas nas várias abordagens, que traduzem uma visão particular de homem, e as diretrizes metodológicas empregadas nos diferentes modelos psicológicos vigentes. Como visão humana, configura-se entre as posturas estruturalistas, naturalistas, ambientalistas, materialistas históricas e culturalistas. Como diretrizes metodológicas, divergem entre as posturas quantitativas, positivistas e suspostamente neutras e as posturas qualitativas e pesquisas participantes, assumidamente interativas e influenciadas pelo pensamento do pesquisador e do pesquisado.

A psicologia escolar, portanto, é vista como um campo de atuação que articula diversas dimensões: individual, social, institucional e cultural, um palco de muitas controvérsias, na qual se encontram, basicamente, de um lado, as

necessidades identificadas nesse universo e, de outro, a capacidade de produzir respostas e intervenções satisfatórias voltadas para o saneamento das demandas que tais campos criam.

Com frequência, pelo menos uma das dimensões citadas acima acaba sendo ignorada por boa parte dos psicólogos escolares, o que dificulta a compreensão e a busca de soluções mais duradouras para os problemas na escola.

Segundo Patto (1987), ocorre um certo esfacelamento da psicologia escolar que se reproduz na configuração da prática profissional. Nesta, vigora o pressuposto, não só de que existem áreas de aplicação bastante diversas, mas também de que as diferentes correntes teóricas se filiam de modo mais ou menos exclusivo a cada área de aplicação.

(...) assim, a psicanálise e as teorias da personalidade dariam conta do campo clínico, as teorias de aprendizagem e Piaget responderiam pela área educacional e a psicotécnica e dinâmica de grupo se encarregariam de oferecer respostas necessárias à intervenção na área do trabalho; nesses termos, teríamos uma psicologia clínica que pouco ou nada tem a ver com uma psicologia escolar, que pouco teria em comum, por sua vez, com uma psicologia do trabalho. (Patto, 1987, p. 188)

De um modo geral, essa argumentação procura indicar ao psicólogo escolar que a atuação dentro do espaço escolar tem de estar, basicamente, no uso de todas as ferramentas que a psicologia lhe oferece, sendo essa uma forma estratégica de efetuar certas intervenções que contribuam para resolver os problemas que ocorrem no contexto escolar.

Uma proposta possível à ciência psicológica e, especialmente, à Psicologia Escolar é que, como produto e instância produtiva na vida social, deve criar condições internas para que possa competentemente exercer a função que lhe cabe nesse contexto, isto é, deve produzir-se e alicerçar-se numa sólida base teórica e metodológica, organicamente ligada à prática, e desvelar os conflitos que estiveram presentes na constituição desse saber, para cumprir efetivamente a necessária mediação com a realidade.

Essa formulação nos remete a uma reflexão sobre a construção do conhecimento psicológico. Não existe um relacionamento causal entre um conceito e uma estrutura sociopolítica-econômica, mas uma historicidade específica, própria, que constitui e continua a desenvolver a Psicologia Escolar; e que a formação desse saber específico sobre o homem dá-se num suporte epistemológico associado a um componente político.

Assim, o conhecimento passa a ser construído no diálogo com outras áreas do saber, que contribuem para a crítica social e a desnaturalização das desigualdades sociais. Dessa forma, propomos uma psicologia comprometida com a realidade brasileira, fundamentando-se em uma dimensão epistêmica e em critérios políticos explícitos para as práticas da Psicologia Escolar.

Observamos, ainda, que tanto na dimensão epistêmica quanto na política, uma das dimensões básicas da discussão refere-se à ética da produção em Psicologia. Não se trata daquilo que se estabeleceu como ética profissional, mas, sobretudo, de uma ética social fundamentada na noção de cidadania plena para todos, o que envolve a socialização de todos os bens produzidos pela sociedade e a ausência de qualquer forma de discriminação ou segregação por quaisquer fatores. Uma Psicologia comprometida com a construção de uma sociedade justa e solidária, necessariamente, está falando de uma ação da Psicologia baseada na ética.

Entretanto, há uma característica que atinge boa parte dos psicólogos escolares que, de forma intrépida, recusam-se a articular os modelos teóricos da psicologia disponíveis e utilizá-los de forma apreciativa para sanar ou compreender os problemas que surgem no espaço escolar.

Além disso, falta ao psicólogo escolar uma construção sistemática de suas intervenções quando efetua um trabalho na escola. Ou seja, falta construir um arcabouço prático/teórico que possibilite o encontro pontual de algumas cadências que são de relativa importância para a compreensão da realidade escolar brasileira de forma mais ampla e mais criativa.

Bleger (2003) afirma que os psicólogos, ao trabalharem numa instituição, devem usar referenciais teóricos que, apesar de serem paradigmaticamente diferentes, podem ser complementares, tais como a teoria da observação desenvolvida pelos behavioristas para entender os modelos comportamentais, que perpassam uma instituição, tais como os modelos psicanalíticos, que interpretam os simbolismos que estão presentes numa instituição e afetam a conduta afetiva de seus usuários, e os modelos psicogenéticos, que os auxiliam a compreender o desenvolvimento cognitivo que se articula à aprendizagem escolar.

Apesar dessas questões não serem completamente aceitas e sobrepostas pelos psicólogos escolares, que ainda se perdem em responder às demandas escolares a partir de um modelo psicoterápico clínico (as circunstâncias sociais e históricas que cerceiam as problemáticas são desconsideradas e são tratadas de modo individual), visualizamos, atualmente, uma pequena, mas promissora

tendência, que tenta explicar os problemas escolares como remanescentes de cenários sócio-histórico-culturais, psicogenéticos e políticos. Temos aqui um encontro da Psicologia Escolar com a Psicologia Social Crítica.

Essas inclinações psicológicas podem fornecer ao psicólogo escolar um referencial teórico-prático que, em seu cotidiano, vê seu espaço de trabalho ampliado e melhor compreendido a partir de vários referenciais teórico-práticos, o que torna a psicologia escolar uma área *sui generis* da ciência e a leva rumo ao caminho de ações: crítica, ética, inovadora e transformadora, conectada à realidade brasileira.

O psicólogo escolar não fica mais limitado ao diagnóstico, à orientação e/ou encaminhamento dos casos de alunos com supostos problemas, nem com a preocupação de fazer psicoterapia. Ao encontrar, no referencial crítico da Psicologia Social, subsídios teórico-práticos que enfatizam a importância da multiinter e transdisciplinaridade como intersecções necessárias para a compreensão das condições biopsicossociais do aluno, transcende seu olhar crítico sobre o objeto de estudo – o fenômeno psicossocial presente nas relações escolares.

De um modo geral, o psicólogo escolar passa a visualizar o ser humano e sua subjetividade (o fenômeno psicológico) como algo que condescende às questões sociais, micro e macropolíticas, trabalhistas, éticas, morais, religiosas, anti-religiosas, filosóficas, transcendentais, etc.

Investigar, portanto, as intersecções conceituais que perpassam as disciplinas psicológicas, assim como suas áreas vizinhas (sociologia, antropologia, filosofia, etc.) e conhecimentos da equipe multidisciplinar (pedagogos, professores, assistentes sociais, pais e comunidade), contribui para o desenvolvimento de uma ação interdisciplinar, na qual a linguagem psicológica supera as diversidades conceituais em cada área e permite efetuar uma leitura mais completa (biopsicossocial) do ser humano.

Agindo dessa forma, o psicólogo escolar avança em estabelecer um contato com a escola como um corpo institucional e social no qual os órgãos (grupos) são parte complementar, molecular e referencial às problemáticas que surgem, e o espaço ambiental externo (comunidade, pais, organizações repressoras e socializadoras) tem a função de inferir e interferir nas atitudes da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e direção).

O psicólogo social escolar: reflexões críticas em suas intervenções psicossociais

Uma das principais implicações educativas da denominada Psicologia Social Escolar refere-se à defesa intransigente de um modo de pensar que não se entrega diante das facilidades de um raciocínio condicionado a permanecer na superfície do dado imediato. Ao contrário, a Psicologia Social Escolar postula uma operação dialética do pensamento, que ensina a ler as entranhas de cada objeto analisado. Assim, o dado particular contém dentro de si não só suas idiossincrasias, mas também as relações sociais, materiais e históricas que são responsáveis, tanto por sua essência como por sua aparência.

Os espaços educativos têm um caráter institucional permeável, tanto em sua aparência (estrutura física, modelos de professores, etc.), quanto em sua essência (ideologia, comportamentos, relações interpessoais, etc.), que permite ações conservadoras (no sentido de manter o *status quo* vigente do modelo neoliberal) e transformadoras (no sentido de buscar novas formas de combate às injustiças do sistema vigente), tal como alertam Bourdieu e Passeron segundo análise de Swartz (1981), assim como, Paulo Freire (1990), entre outros pensadores do movimento educativo. O espaço educativo, por si só, é contraditório, dialético, e nele se estrutura um modelo reprodutor e informativo do conhecimento e um modelo crítico, histórico, político e social que pode permitir ao aprendiz ser mais criativo, capaz de transformar e ampliar o conhecimento atual.

Posto isso, surge-nos a seguinte questão: como a Psicologia pode contribuir com ações inovadoras, transformadoras e significativas para o alunado?

Segundo Bock (2001), as teorias psicológicas, ao conceberem a escola como instituição isolada da sociedade, criou um dos seus principais problemas. A escola deve fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, e não se tornar uma instituição fechada, destinada a proteger a criança dessa mesma sociedade. O conhecimento psicossocial deve ser trabalhado de forma natural, não preconceituosa e como arcabouço intelectual que pode preparar a comunidade escolar a lidar com a realidade social de forma discernente.

Com um olhar mais social, cabe ao psicólogo escolar desenvolver, junto às comunidades escolares, intervenções psicossociais que atentem aos aspectos sócio-históricos que fazem parte do universo humano e que contribuem para o desenvolvimento de um sujeito mais consciente, crítico, ético, sensível e autônomo. Essas intervenções devem ser fruto de uma relação dialética estabelecida entre o

sujeito atendido e o sujeito que atende, o que implica formar um contexto que possibilita a transformação de ambos, colocando-os num movimento emancipatório, sendo capazes de lidar com os conflitos escolares que surgem.

Desse modo, as ações desenvolvidas a partir da intersecção Psicologia Escolar *versus* Psicologia Social podem produzir, na comunidade escolar, a articulação das realidades objetiva e subjetiva que se processam dialeticamente, que consideram o sujeito e suas relações – subjetivas ou objetivas – com a coletividade.

Sob essa perspectiva teórico-prática, a comunidade escolar passa a ser vista como dinâmica e pode, necessariamente, ser transformada em sua subjetividade, estabelecendo uma estrutura crítica na qual é capaz de visualizar os limites que são impostos pelo pensamento liberal à escola na sociedade pós-moderna capitalista.

O projeto de uma Psicologia Escolar Social deve ser mediado por ações transformadoras (pensamentos críticos e criativos, relações igualitárias, convívios pacíficos) e interiorizado como projeto individual, tomado como forma de consciência e inconsciência das pessoas que convivem no espaço escolar, pois essas questões não são apenas incorporadas por interesses coletivos abstratos, mas por algo que resgata o prazer individual. Em suma, a Psicologia Social Escolar não dicotomiza o bem-estar coletivo e o prazer individual: ambos fazem parte do dia-a-dia das pessoas.

Lugar incômodo cabe, portanto, ao psicólogo social escolar, sem prerrogativa de instituir uma ingerência sobre a comunidade escolar; sua função é capacitar a população para construir meios para estabelecer novas práxis na compreensão de suas lutas e problemas.

O esforço na busca por um pensamento mais dialético, na tentativa de melhor compreender a comunidade escolar é, portanto, um dos objetivos do psicólogo escolar. A práxis estabelecida a partir disso possibilita à população escolar ser senhora de seus atos e deixa o psicólogo livre de impor intervenções prepotentes, dominadoras e individualizantes à comunidade escolar.

Cabe a esse profissional, juntamente com a comunidade escolar, identificar as contradições, evidenciar a estrutura concreta e simbólica dos conflitos escolares e viabilizar propostas de intervenções alternativas e realistas, que permitam a participação de todos os interessados na capacitação para lidar com os problemas surgidos. Harmonicamente, Bleger (1984) projeta a função do psicólogo

que intervém em instituições como um educador que educa e é educado, concomitantemente, pelas experiências das pessoas. Sua intervenção e pesquisa se desenvolvem a partir da demanda da instituição.

Dessa forma, o psicólogo, na comunidade escolar, deve rever suas posições profissionais em busca de práticas inovadoras, que contam com a participação da população escolar, são emprenhadas como práxis da atuação do psicólogo escolar.

O projeto do psicólogo deve se constituir a partir da criação de espaços de reflexão para a comunidade escolar (professores alunos, pais, direção, funcionários) em centros educativos formais (escolas) e informais (Ongs, comunidades estruturadas, centros de atendimento a jovens, etc.). As ações desenvolvidas devem ter uma penetração social e afetiva mais profunda junto aos jovens.

Nesses espaços de reflexão, a comunidade escolar capacita-se para tomar decisões e buscar soluções criativas para muito de seus problemas. Desafios como a perversão da sexualidade, as relações interpessoais, a violência urbana e doméstica, políticas escolares, preconceitos étnicos, falta de acesso à escola, à oportunidade de lazer, opção de vida, convívio familiar, relação com a comunidade, divisão de renda, educação diferenciada, ignorância, sociedade classista, drogadição facilitada, violência econômica (bens de consumo inacessíveis, mas desejáveis), abandono, etc., poderão ser temas de reflexões mais apuradas. Tais temas denunciam a falácia e a hipocrisia da sociedade que se diz encontrar-se às portas de uma nação desenvolvida, igualitária, fraterna e libertária e não repressiva, porém que se mostra moralista, preconceituosa e com um dos piores índices de pobreza, de analfabetismo e de divisão de renda.

Tais desafios devem ser trabalhados através de técnicas psicológicas (intervenções grupais, orientações breves, exercícios de dinâmicas, etc.) em espaços físicos de reflexão grupal, permitindo à comunidade escolar desenvolver visões mais apuradas e críticas das estratégias individuais e sociais para sobreviverem em sociedade.

As estratégias, necessariamente, serão analisadas historicamente, macro e micropoliticamente (resgatando os aspectos objetivos e subjetivos que constroem o sujeito), e recriadas, no sentido de construir intervenções criativas e críticas para que essas mesmas estratégias contribuam na criação e recriação – num movimento dialético – de ações psicossociais condutoras de uma história projetada e desejada – uma história que tenham o homem como seu principal construtor.

Desenvolver espaços de reflexão grupais, nos quais os problemas psicossociais serão discutidos com a comunidade escolar de forma crítica, ampla, depura-

dos de preconceitos, servirão para reestruturar uma ética humana que respeita a subjetividade individual e social da população em geral e, concomitantemente, a faz conviver com as normas sociais ainda vigentes, mas não descartando o desejo de transformá-las no sentido de torná-las mais justas e comprometidas com uma sociedade mais igualitária.

O projeto da Psicologia Social Escolar deve ser útil à população brasileira que, cada vez mais, insere-se no mundo da criminalidade, renega os estudos, é descartada no mundo do trabalho tecnológico, não é capaz de lidar com problemas da realidade social contemporânea (frustração, desemprego, opressão, cobrança, competição, etc.), não é capaz de desenvolver ou compreender uma ética social na qual o respeito pelo outro, a aceitabilidade das minorias e as lutas pelos direitos civis se desvencilham do cotidiano.

Em suma, espera-se que a Psicologia Social Escolar contribua para o bem estar, para o desenvolvimento de uma consciência crítica, renovadora, racional e transformadora do homem.

Considerações finais

As colocações acima têm como objetivo lançar farpas em possíveis indagações da interlocução da Psicologia Escolar com a Psicologia Social Crítica, produzindo o que denominamos Psicologia Social Escolar.

Dessa forma, parece-nos que esse encontro interdisciplinar reformula a escuta do psicólogo no espaço escolar. A incidência sobre esse ato é a necessidade de desenvolver uma escuta mais apurada, que não atente apenas às questões aparentes, concretas, condicionadoras de uma boa aprendizagem, mas também se sinta atraída por uma escuta subjetiva, implícita, que veja nos conflitos escolares uma história, um choque cultural, uma humilhação política, uma luta de classes e relações de poder.

Com essa forma de agir, o psicólogo social escolar pode “ouvir” as pessoas que estão na escola, verificar suas demandas explícitas e implícitas, seus conflitos, seus desejos e, quiçá, transformá-las em formas conscientes para lidar com as malevolências de um mundo desigual e opressor, possibilitando aos sujeitos¹ serem donos de sua história.

1 Estamos partindo da perspectiva de Góis (1993), na qual a psicologia social comunitária transforma o indivíduo em sujeito.

Sintetizando, o psicólogo na comunidade trabalha fundamentalmente com a linguagem e as representações, com relações grupais – vínculo essencial entre o indivíduo e a sociedade – e com emoções e afetos próprios da subjetividade, para exercer sua ação no nível da consciência, da atividade e da identidade dos indivíduos que irão, algum dia, viver em verdadeira comunidade. (Lane, 1998, p. 31)

Dessa forma, as chamadas psicologias críticas se definem, de modo apriorístico, por modelos que desenvolvem intervenções críticas e transformadoras, que questionam a postura do contexto em que intervêm, a inoperância em produzir um sujeito crítico capaz de transformar sua sociedade, engendrando uma população consciente de seu papel histórico, crítico e social operante.

A apropriação de uma modalidade de atuação profissional cuja ruptura epistemológica se baseia em um olhar crítico e comprometido com uma concepção política emancipatória implica a compreensão da realidade educacional/escolar brasileira por parte dele. Ao defrontar-se com a complexidade do contexto escolar, o psicólogo escolar poderá compreender e construir sua práxis profissional.

Cabe, portanto, ao psicólogo escolar social, diante dessa situação, capacitar a população escolar para transcender em suas possibilidades de ser una e dirigir-se a uma totalidade: contraditória, múltipla, relacional, mutável, transformadora e consciente de que suas ações estão sendo dominadas por um ideário dominador, liberal e autoritário.

Entre essas ações transformadoras defendemos aquelas possíveis de serem realizadas no próprio espaço escolar; que resgatem ações constitutivas e que afirmem a possibilidade de quebrar as amarras da opressão, reestruturando identidades próprias, capazes de dinamizar a vida dos sujeitos. Ainda, que essas ações possibilitem a busca por uma estrutura objetiva, proporcionando a todos da comunidade escolar um sentido de vida mais crítico, politizado, dialético, histórico, ético, afetivo e transformador. Essas ações, indispensavelmente, recuperam no sujeito da escola a ordem do subjetivo – fator capaz de estabelecer uma práxis substancial e permanente no embate com uma educação opressora e/ou causadora de conflitos pedagógicos e emocionais.

Resumo

O presente ensaio descreve as possíveis articulações entre a Psicologia Social e a Psicologia Escolar, dando ênfase à construção de um saber centrado no desenvolvimento de ações críticas, éticas, inovadoras e transformadoras voltada à realidade brasileira. Uma articulação possível de estabelecer estratégias psicossociais críticas na comunidade escolar, que atente aos aspectos sócio-históricos que fazem parte do universo humano e contribuem para a constituição de um sujeito mais consciente, crítico, ético, sensível e autônomo. Parte-se do pressuposto de que a possível integração de saberes, como a Psicologia Escolar-Psicologia Social, de forma interdisciplinar, é capaz de redimensionar o processo dialético que perpassa a realidade objetiva e subjetiva da comunidade escolar, identificando as contradições da estrutura concreta e simbólica dos conflitos escolares e, assim, possibilitar ao psicólogo escolar uma postura comprometida com as questões sociais e históricas que ocorrem nesse campo de atuação, para que surjam propostas de intervenções alternativas e realistas que permitem a esse profissional uma atuação política emancipatória.

Palavras-chave: Psicologia Social; Psicologia Escolar; interdisciplinaridade; intervenção psicossocial; comunidade escolar.

Abstract

This actual essay describes the possible pronounced between Social Psychology and School Psychology, attributing accentuation on a construction of knowledge concentrated on development of judgment, ethical, innovating and transforming actions turns to Brazilian's reality. A possible pronounced in establishing critics psychosocial strategies into a school community that approves the aspects social historic that makes part of human universe and contributing for the subject constructing most conscientious, critic, ethical, sensible and self-contained. Initiated by the presumed that the might possible integration of knowledge as School Psychology— Social Psychology, in a inter-Science way, is capable in resize dialectic process that touch lightly by objective and subjective reality of the school community, identifying the contradictions of concrete and symbolic structure in school collisions and therefore possibility to the school psychologist to have a compromised position with social and historic questions that occurs into this action field, is believed that became through alternative and realistic interventions propositions that allowed to these professional an emancipation politics actuation.

Key-words: Social Psychology; School Psychology; inter-Science; psychosocial intervention; school community.

Resumen

El presente ensayo describe las posibles articulaciones entre la Psicología Social y la Psicología Escolar, enfatizando la construcción de un saber centrado en el desarrollo de acciones críticas, éticas innovadoras y transformadoras volcadas a la realidad brasileña. Una articulación posible de establecer estrategias psicosociales críticas en la comunidad escolar, que atente a los aspectos sociohistóricos que hacen parte Del universo humano y contribuyen para la constitución de un sujeto más consciente, crítico, ético, sensible y autónomo. Se parte de que la posible integración de los haberes, como la Psicología Escolar – Psicología Social, de modo interdisciplinar, es capaz de redimensionar el proceso dialéctico que persaza la realidad objetiva y subjetiva de la comunidad escolar, identificando las contradicciones de la estructura concreta y simbólica de los conflictos escolares y posibilitar al psicólogo escolar una postura comprometida con las cuestiones sociales e históricas que ocurren en ese campo de actuación, para que surjan propuestas de intervenciones alternativas y realistas que permiten a ese profesional una actuación política emancipatoria.

Palabras claves: Psicología Social; Psicología Escolar; interdisciplinariedad; intervención psicosocial; comunidad escolar.

Referências

- Bleger, J. (1984). *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- _____. (2003). *Temas de Psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo, Martins Fontes.
- Bock, A M. B.; Gonçalves, M. G. M e Furtado, O. (orgs.) (2001). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, Cortez.
- Freire, P. (1990). “Criando Métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação”. In: Brandão, C. R. *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense.
- Góis, C. W. (1993). *Noções de Psicologia Comunitária*. Fortaleza, Edições UFC.
- Lane, S. T. M. (1998). “Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil”. In: Campos, R. H. F. C. (org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 2 ed. Petrópolis, Vozes.
- Swartz, D. (1981). *Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social*. São Paulo, T. A. Queiroz.
- Patto, M. H. S. (1987). *Psicologia e Ideologia*. São Paulo, T. A. Queiroz.

Recebido em fevereiro de 2006.

Aprovado em junho de 2006.

Cecília Pescatore Alves

Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP
Professora de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Unitau
e Departamento de Ciências Atuariais da PUC-SP
E-mail: cpescatore@uol.com.br

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas.
Professor de Psicologia Escolar do Departamento de Psicologia da Unitau.
E-mail: tomsilva@ig.com.br